

DE MARTE, A OLHAR A AMÉRICA

VALTER MANUEL PERES ALMEIDA

“Those who came before us made certain that this country rode the first waves of the industrial revolution, the first waves of modern invention and the first wave of nuclear power. And this generation does not intend to founder in the backwash of the coming age of space. We mean to be part of it - we mean to lead it.” - John F. Kennedy

Ficção Científica como Reescrita

Não é novidade o facto de a Bíblia ter servido de fonte para muita da literatura norte-americana. A história do Génesis tem sido apropriada pela América e utilizada para transformar o Americano num Adão e a América numa espécie de Éden perfeito no Novo Mundo.¹ A associação entre a América e o sagrado tem sido por vezes tão forte que, para muitos escritores americanos, a visão americana do mundo é uma visão apocalíptica.²

Apocalipse é, antes de mais, o título alternativo do último livro do Novo Testamento, o Livro da Revelação, aquele que conta uma revelação divina a São João e que, como objectivo final, pretende desvendar acontecimentos futuros ou até profetizar. O Apocalipse desvenda o fim; o fim do Homem e o fim do mundo tal como nós o conhecemos. Por outras palavras, a organização do mundo é vista como caótica, desgovernada e sem solução, a não ser através do seu próprio fim... para depois se refazer e do caos encontrar o *logos*.

Visto assim, o conceito de apocalipse tem tanto uma vertente negativa como positiva: a correlação entre a destruição (de um velho mundo) e a construção (de um novo mundo). Nasce assim um conflito dialéctico entre opostos que tem regido o mundo, e que a América tem aproveitado como princípio de um mito a que se quis associar.

¹ Cf. R. W. B. Lewis, *The American Adam: Innocence, Tragedy and Tradition in the 19th Century*, Chicago, University of Chicago Press, 1955.

² Refiro-me sobretudo aos escritores do período Early American Literature tais como Edward Taylor e Jonathan Edwards.

Segundo David Ketterer³, esta imaginação apocalíptica encontra a sua escapatória mais pura, em literatura, na ficção científica. O sonho do apocalipse é, em termos latos, a espinha dorsal que sustém a ficção científica, cujo objectivo é precisamente a destruição de conceitos velhos e a sugestão de outros novos que, embora visionários, possam substituir a velha realidade de forma lógica e plausível. Surge desta forma o princípio de uma relação bastante estreita entre os conceitos de América e de ficção científica que não se fica por aqui.

Embora a ficção científica não seja, nem pretenda ser, uma fonte de previsão ou uma profetização (não é pré-cognição), ela pode servir de indicação, pois tem o dom e o objectivo de nos ensinar a adaptar às diversas circunstâncias da vida e a ter uma mente flexível face à mudança⁴. Da mesma forma, a descoberta da América fez exactamente o que as melhores histórias de ficção científica tentam fazer através do imaginário – provocou uma reordenação radical da percepção e compreensão humana ao localizar o Homem num novo contexto, no qual a sua realidade prévia foi posta em questão ou simplesmente para nada lhe serviu e, conseqüentemente, obrigou-o a adaptar-se a uma nova realidade.

A ligação a nível conceptual entre a ficção científica e a América vai mais longe. Há quem veja na ficção científica uma forma de regresso à juventude e à meninice recheada de imaginação e de fantasia. Na epígrafe de *The Martian Chronicles*, Ray Bradbury relembra este conceito na seguinte frase: “It is good to renew one’s sense of wonder... Space travel has again made children of us all.”⁵ Este redescobrimento do mundo através do acto de voltar a olhar com olhos inocentes e inquisitivos foi também uma das formas de redefinição de objectivos literários sugerida pelos Transcendentalistas ou românticos americanos. Numa tentativa de emancipar a literatura estadunidense, Ralph Waldo Emerson⁶ apelou precisamente à necessidade de redescobrir o mundo e de o olhar de uma forma nova, como se se estivesse a olhar para ele pela primeira vez.

Com tão forte ligação, não é difícil concluir que a experiência americana tenha sido um dos maiores, senão o maior contribuinte para

³ David Ketterer, *New Worlds for Old: The Apocalyptic Imagination, SF and American Literature*, Bloomington, Indiana University Press, 1974.

⁴ Darko Suvin, *Metamorphoses of Science Fiction*, New Haven, Yale University Press, 1979, p. 28.

⁵ Ray Bradbury, *The Martian Chronicles*, New York, Bantam Books, 1979.

⁶ Cf. Ralph Waldo Emerson, “Nature”, em Nina Baym et al. (eds.), *The Norton Anthology of American Literature*, New York and London, W. W. Norton & Company, Fourth Edition, Vol.1, 1994.

a ficção científica. Os factos são tão evidentes que nem é necessário proceder a grandes desconstruções. Não é certamente sem razão nem por coincidência que nos referimos, por exemplo, aos viajantes do espaço ou do tempo como peregrinos.

Claramente indutor, este tipo de associação concebida para criar paralelismo entre a descoberta do espaço e a descoberta do Novo Mundo pode parecer algo exagerada e até gratuita mas não deixa de ser comum. Influenciados em grande parte pelos valores americanos⁷ e por esta retórica manipuladora, muitos dos escritores de ficção científica têm escrito sobre temas como o desconhecido e o inabitado, e sobre o homem activo e aventureiro, temas estes que não são novidade. Pelo contrário, tem sido uma constante desde os princípios da literatura americana. Como exemplo está a metáfora de fronteira, que tendo a ver numa primeira fase com o mar e depois com a terra, tem mais recentemente, e pela mão da ficção científica, a ver com o espaço.

Mesmo no contexto da conquista do espaço como resposta a um exausto mundo sem fronteiras para onde se expandir, o trabalho de Fredrick Jackson Turner⁸ parece manter-se como uma sólida base para a investigação do tema da fronteira, pois os conceitos têm-se mantido quase inalterados. Tanto o conceito protestante de fronteira como inimigo⁹, algo a domesticar e não algo a que nos devemos adaptar ou acomodar, como o conceito do indivíduo capitalista / *buccaneer* com base no estereótipo do destruidor / descobridor de fronteiras continuam vivos.

Embora sujeitos a uma hipotética “ansiedade de influência”¹⁰, os escritores de ficção científica têm vindo a reutilizar as mesmas metáforas da literatura tradicional, através, por exemplo, da apropriação da linguagem, dos símbolos e dos mitos americanos, o que não parece de todo ilógico. À parte alguns dos primeiros escritores americanos de ficção que procuraram musas europeias por, segundo eles, a América ainda não ter um passado sobre o qual escrever, as gerações que lhes seguiram acharam que já se teria dado

⁷ Cf. Thomas D. Clareson, (ed.) *Voices of the Future: Essays on Major SF Writers*, Ohio, Bowling Green Univ. Popular Press, 1976.

⁸ Cf. Fredrick J. Turner, *The Significance of the Frontier in American History*, Madison, The Silver Buckle Press, 1894.

⁹ Cf. David Mogen, *Wilderness Vision: The Western Theme in SF Literature*, 2nd Ed., San Bernardino CA, The Borgo Press, 1993.

¹⁰ Cf. Harold Bloom, *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*, New York, Oxford University Press, 1973.

atenção a mais às “courtly muses of Europe”¹¹, e como tal, basearam-se na escrita uns dos outros e na própria História americana, que nessa altura já permitia um passado no qual alicerçar a construção de uma literatura verdadeiramente americana. Os escritores de ficção científica não foram exceção. Muitas vezes caracterizados como produtores de um género literário com tendências patrióticas, estes rapidamente se aperceberam que seria um erro desperdiçar tão evidentes semelhanças que, por um lado, uniam a ficção científica à América e que, por outro, uniam a América a Marte, certamente por este ser o destino mais provável de uma primeira incursão pelo espaço profundo.

Esperanças Antigas para um Novo “Novo Mundo”

Em épocas em que ainda existia a possibilidade de descoberta de terras inexploradas e de povos longínquos, as utopias ou distopias poderiam ter existido, por exemplo, num espaço que não o do velho continente europeu, como aconteceu nas narrativas utópicas de Thomas More (*Utopia*, 1516) ou de Francis Bacon (*The New Atlantis*, 1626).

Contudo, numa altura em que toda a Terra surge como já descoberta, e em que não é possível supor a existência de espaços perdidos ou desconhecidos, as representações utópicas ou distópicas com lugar na Terra tiveram necessidade de abandonar a sua determinação tópica ou espacial a favor de uma representação temporal. Para reconquistar essa perdida referência espacial, a mente humana partiu à procura de outros mundos que voltassem a permitir sonhar com o desconhecido. Entre muitos outros, encontrou-se Marte.

Dentro do género de ficção científica, as obras que tratam a temática de Marte têm sido das que melhor têm conseguido apresentar uma conjuntura espaço-temporal mais aproximada à do nosso *zero world*, no momento da apresentação do *novum*¹². Como tal, estas obras tornam mais fácil a compreensão e a aceitação do seu enredo por este ser contado num ambiente em que, tanto o espaço, como o tempo partilham o mesmo plano. Para facilitar ainda mais, o plano espaço-temporal destas obras é habitualmente muito semelhante ao da nossa realidade, o que permite uma mais rápida associação de ideias.

¹¹ Ralph Waldo Emerson, “The American Scholar”, em Nina Baym et al. (eds.), *The Norton Anthology of American Literature*, p. 1033.

¹² Ambas as expressões são de Darko Suvin, *Metamorphoses of Science Fiction*.

Aliado a este aspecto facilitador está o facto de, ao longo da sua relação ficcional com Marte, o Homem ter tido sempre uma componente de investigação científica sobre o planeta na qual se apoiar, o que ajudou a que tanto o produtor como o receptor de uma história sobre Marte partilhassem conhecimentos e tivessem expectativas comuns. Assim, contrariamente às obras de ficção científica que criam mundos novos ou utilizam mundos que o Homem desconhece em termos científicos, as que têm Marte como tema ou ponto de referência possibilitam a descrição de um mundo diferente mas suficientemente semelhante à Terra para que este possa ser apresentado de uma forma, pelo menos tão credível, compreensível e tangível como qualquer um dos mundos utópicos de More ou de Bacon.

Talvez influenciado por este factor de proximidade conceptual com o seu próprio mundo, ao longo da sua atracção por Marte, o Homem muitas vezes idealizou o planeta como um dos seus favoritos destinos utópicos, no sentido de ser um destino que, embora inatingível fisicamente, facilmente se confundia com o atingível e com o acessível devido à sua proximidade real com a da Terra. Num primeiro momento, as histórias sobre Marte passaram a fazer parte das utopias que incluíam as palavras-chave “if only”¹³ e que deixavam todo o resto em aberto. Mais recentemente, e a partir do momento em que o Homem passou a dispor de tecnologia capaz de aproximar os dois planetas (visualmente numa primeira fase, e depois fisicamente), estas transformaram-se em histórias sobre o possível e o realizável, passando a estar hoje (aparentemente) quase esvaziadas de incerteza.

Como tal, a grande aproximação entre o Homem e o planeta vermelho, que se deu durante estas últimas cinco décadas, graças, em grande parte, à investigação e à descoberta científica, fez com que Marte se tenha transformado num outro tipo de utopia, no sentido de ser o destino, não apenas dos sonhos, mas também dos anseios e das esperanças da humanidade e em especial do Americano, por ser quase certamente um destino do seu futuro próximo. O planeta que há bem pouco tempo não passava de um distante sonho utópico em muito associado às noções de futuro, incerteza e previsão, transformou-se numa realidade onde a ficção científica que o retrata tem hoje tanto a

¹³ Cf. H. G. Wells, “*Utopias*”; primeira transcrição da palestra transmitida pela Australian Broadcasting Company, SFS No.9 (1982), p. 117. Nesta palestra, Wells distingue entre utopia e *anticipatory tale*.

ver com o futuro como com o presente e com a história que neste momento se está a construir.¹⁴

A associação entre Marte e a realidade americana é profunda e fortemente enraizada. Para além de ser visto por muitos como o prolongamento do sonho americano, por se ter esperança de que a continuação da fronteira americana futuramente se prolongue na sua, Marte reivindica igualmente uma estrita relação com os Estados Unidos por ter vindo a ser interpretado como um Novo Mundo, muito à semelhança do que foi a América em relação ao Velho Mundo europeu. Aparente herdeiro do título de terra prometida, o planeta vermelho tornou-se, no imaginário americano, na terceira oportunidade dada à humanidade.

A aproximação entre Marte e os Estados Unidos aumentou ainda mais com o facto de o planeta ter sido alvo da investigação e da exploração científica americana desde a década de 60. Primeiro como continuação do projecto de domínio militar mundial, depois como montra tecnológica e, mais recentemente, como destino possível e local a colonizar, Marte tem estado no centro de todas as atenções dos cientistas americanos desde então.

Com base nestes aspectos, a literatura e a cultura popular encarregaram-se de dar continuação ao processo de apropriação do planeta que foi iniciado pela opinião pública americana. Hoje, ao falarmos de Marte, temos a noção implícita de que estamos a falar de algo pertencente ao Americano – mais uma pertença da América conquistado pela retórica de apropriação lida no destino do país.

Ficção Científica como Mitologia Moderna

É já um cliché dizer-se que a ficção científica tem sido vista como uma moderna mitologia, uma forma de explicar o mundo e de o tornar compreensível. A ficção científica é, ou pode ser, uma mitologia moderna no sentido em que é um género literário nascido num meio fortemente influenciado pela tecnologia, e por isso melhor do que qualquer outro género literário está adequado para nos auxiliar a viver num tal meio.

Seguindo esta ordem de ideias, num mundo imensamente tecnológico como é o nosso, aquilo que poderia ser referido sobre o mito tradicional pode ser aplicado à ficção científica vestida de

¹⁴ Cf. Fredric Jameson, “Progress Versus Utopia: or, Can We Imagine the Future?”, SFS - 9 No. 27.147.

mitologia moderna. Sobre a noção tradicional de mito, Mircea Eliade refere: “[m]yth assures man that what he is about to do has already been done, in other words, it helps him to overcome doubts as to the result of his undertaking. There is no reason to hesitate before setting out on a sea voyage, because the mythical hero has already made it in a fabulous Time. All that is needed is to follow his example.”¹⁵ De forma homóloga, e transpondo a mesma noção para a realidade da ficção científica, uma obra pertencente a este género literário pode assegurar-nos que não haverá razão para se ter medo de colonizar um planeta distante ou ter receio de fazer uma viagem para o desconhecido porque ao saber-se que há efectivamente uma constante reciclagem (por troca ou por decalque) dos mitos tradicionais, basta substituir o desconhecido (o caos) pelo conhecido (a ordem) para que se tenha sucesso. Desta forma, não é difícil compreender como é que o Super-homem é tão forte e corajoso.¹⁶ Ele não é senão uma reescrita e uma reinvenção de Hércules, por ambos serem *topoi* da força, da mesma forma que no mundo real, Neil Armstrong poderá facilmente ser visto como outro Vasco da Gama, e este último, por sua vez, como uma reinvenção de Ulisses¹⁷.

A ficção científica ocupa-se, portanto, com o quadro da referência conceptual humana. A relação entre a poética de alteridade¹⁸ e o fundamento da nossa própria existência e historicidade apresenta-se bastante estreita, no sentido em que a ficção científica como matéria para análise sociológica, embora nos diga pouco acerca do futuro, ajuda-nos a analisar o nosso presente e o nosso passado. O género em questão passa a ser passível de ser encarado como um dado de análise comportamental por ser uma transposição espaço-temporal das

¹⁵ Mircea Eliade, *Myth and Reality*, Translated by Willard R. Trask, Harper Torchbooks, 1968, p. 141.

¹⁶ H. Bruce Franklin em *War Stars: The Superweapon and the American Imagination*, p. 95 refere que o mito do superhomem (*übermensch*) surgiu como a representação do injustiçado Americano no conflito Nazi; aquele que lutava pela verdade e pela justiça e que defendia o *american way*.

¹⁷ Cf. João B. Mancelos, “Dar Novos Mundos ao Mundo: A Retórica dos Descobrimientos Portugueses e o Programa Espacial Norte-Americano”, no prelo.

¹⁸ Expressão de Jean-Marc Gouanvic em *La science-fiction française au XXe siècle (1900-1968): Essai de socio-poétique d'un genre en émergence*. Amsterdam: Editions B.V., 1994.

tensões, aspirações e agonias do meio do seu criador¹⁹ e símbolo das evoluções do conhecimento que o homem tem de si mesmo²⁰.

Darko Suvin vai igualmente ao encontro desta ideia ao concordar que existe uma relação profunda entre ficção científica e o ser humano, funcionando a literatura do *cognitive estrangement*²¹ como espelho (modelo ou metáfora) onde alienígenas e monstros são um reflexo do Homem, tal como os mundos onde estes vivem reflectem a Terra. No entanto, Suvin adiciona a esta ideia o facto de considerar que o dito espelho não é só reflector mas também um espelho transformador. Como tal, e tomando o exemplo concreto de Marte ou do Marciano, vemos que estes funcionam como uma representação que provoca estranhamento. Este elemento de *estrangement*, considerado por Suvin como a coluna de sustentação da ficção científica, provoca uma representação que nos permite reconhecer o seu sujeito e objecto, apresentando-os, no entanto, de uma forma que nos parece estranha ou não familiar. Assim sendo, após uma leitura atenta e uma desconstrução de factos de uma obra de ficção científica que tenha Marte como referência, chegamos muitas vezes à conclusão que podemos interpretar os marcianos como sendo representações de nós mesmos, no sentido em que eles são o reflexo dos nossos sonhos e receios, da mesma forma que Marte é a Terra, exactamente pelas mesmas razões. Por tudo aquilo que até aqui foi dito, esta representação têm logicamente mais enfoque sobre a América e o americano.

Fazendo minhas as palavras de alguns dos maiores nomes de autores / críticos da ficção científica, este género literário, ao longo da sua existência, tem-nos demonstrado que não é só “...a branch of literature which is concerned with the impact of scientific advance upon human beings”²² ou “...the branch of fiction which deals with possible effects of an altered technology or social system on mankind in an imagined future, an alternate present or an alternative past.”²³.

Ficção científica é igualmente um género literário que tem no Homem a sua maior preocupação, e que, como tal, também deve ser vista como: “...the search for a definition of man and his status in the

¹⁹ Cf. Jaques Lemieux, “Utopias and Social Relations in American SF 1950-80” SFS - 12 No. 36.148.

²⁰ Cf. Karl S. Guthke, *The Last Frontier: Imagining Other Worlds from the Copernican Revolution to Modern SF*, New York, Cornell University Press, 1990.

²¹ Expressão de Darko Suvin em *Metamorphoses of Science Fiction*.

²² Isaac Asimov citado em Reginald Bretnor (ed.), *Modern Science Fiction, Its Meaning and Its Future*, New York, Coward-McCann, 1953, p. 142.

²³ Barry Malzberg em *Colliers Encyclopaedia*, 1981.

universe”²⁴ ou “... stories whose objective is to explore, to discover, to learn, by means of projection and extrapolation, about the nature of the universe, of man, of reality.”²⁵

BIBLIOGRAFIA

- ALDISS, Brian, *Billion Year Spree: The History of Science Fiction*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1973.
- BLOOM, Harold, *The Anxiety of Influence; A Theory of Poetry*, New York, Oxford University Press, 1973.
- BRADBURY, Ray, *The Martian Chronicles*, New York, Bantam Books, 1979.
- BRETNOR, Reginald (ed.), *Modern Science Fiction, Its Meaning and Its Future*, New York, Coward-McCann, 1953.
- CLARESON, Thomas D., (ed.) *Voices of the Future: Essays on Major SF Writers*, Ohio, Bowling Green Univ. Popular Press, 1976.
- Colliers Encyclopaedia*, 1981.
- EDWARDS, Malcolm e JAKUBOWSKI, Maxim (eds.), *The SF Book of Lists*, New York, Berkley Books, 1983.
- ELIADE, Mircea, *Myth and Reality*, Translated by Willard R. Trask, Harper Torchbooks, 1968.
- EMERSON, Ralph Waldo, “Nature”, em Nina Baym et al. (eds.), *The Norton Anthology of American Literature*, New York and London, W. W. Norton & Company, Fourth Edition, Vol.1, 1994.
- _____, Ralph Waldo, “The American Scholar”, em Nina Baym et al. (eds.), *The Norton Anthology of American Literature*, New York and London, W. W. Norton & Company, Fourth Edition, Vol.1, 1994.
- FRANKLIN, H. Bruce Franklin, *War Stars: The Superweapon and the American Imagination*, New York, Oxford University Press, 1988.
- GOUANVIC, Jean-Marc, *La science-fiction française au XXe siècle (1900-1968): Essai de socio-poétique d'un genre en émergence*. Amsterdam: Editions B.V., 1994.
- GUTHKE, Karl S., *The Last Frontier: Imagining Other Worlds from the Copernican Revolution to Modern SF*, New York, Cornell University Press, 1990.
- JAMESON, Fredric, “Progress Versus Utopia: or, Can We Imagine the Future?”, SFS - 9 No. 27.147.
- KETTERER, David, *New Worlds for Old: The Apocalyptic Imagination, SF and American Literature*, Bloomington, Indiana University Press, 1974.
- LEMIEUX, Jaques, “Utopias and Social Relations in American SF 1950-80” SFS - 12 No. 36.148.
- LEWIS, R. W. B., *The American Adam: Innocence, Tragedy and Tradition in the 19th Century*, Chicago, University of Chicago Press, 1955.

²⁴ Brian Aldiss, *Billion Year Spree: The History of Science Fiction*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1973, p. 81.

²⁵ Judith Merril citado em Malcolm Edwards e Maxim Jakubowski (eds.), *The SF Book of Lists*, New York, Berkley Books, 1983, p. 257.

- MOGEN, David, *Wilderness Vision: The Western Theme in SF Literature*, 2nd Ed., San Bernardino CA, The Borgo Press, 1993.
- MANCELOS, João B., “Dar Novos Mundos ao Mundo: A Retórica dos Descobrimentos Portugueses e o Programa Espacial Norte-Americano”, no prelo.
- SUVIN, Darko, *Metamorphoses of Science Fiction*, New Haven, Yale University Press, 1979.
- TURNER, Fredrick J., *The Significance of the Frontier in American History*, Madison, The Silver Buckle Press, 1894.
- WELLS, H. G., “*Utopias*” - primeira transcrição da palestra transmitida pela Australian Broadcasting Company, SFS No.9, 1982.